

UM “PEQUENO PRÍNCIPE” EM VYGOTSKY E LEONTIEV PARA UMA “JANELA DA ALMA” NUM AEE CRÍTICO-REFLEXIVO

Nahun Thiaghor Lippaus Pires Gonçalves
PMV; PPGE/CE/UFES

Flávio Lopes dos Santos
Programa EDUCIMAT / IFES - Vitória

Edmar Reis Thiengo
PPGE/CE/UFES

Atendimento educacional especializado
Comunicação oral

Talvez esse homem seja um tolo. No entanto, menos tolo que o rei, que o vaidoso, que o empresário, que o bebereão. Seu trabalho ao menos tem um sentido. Quando acende o lampião, é como se fizesse nascer mais uma estrela, uma flor (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 49).

Resumo: Este trabalho parte de uma pesquisa de mestrado realizada em uma escola estadual do município de Vitória – ES que discutiu as práticas dos docentes e o caráter ativo das atividades na Educação Especial num processo de inclusão e das relações da atividade profissional realizada no Atendimento Educacional Especializado em outra escola. Assim relacionamos a Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky, a Teoria da Atividade de Leontiev e suas contribuições com trechos das obras “O Pequeno Príncipe” livro de Saint-Exupéry e o documentário “Janela da Alma” (2001), dos diretores brasileiros João Jardim e Walter Carvalho que, dentre outros pontos para uma reflexão, problematização e compreensão dos processos envolvidos no AEE. Dialogamos com a importância do caráter social e mediador das atividades na teoria de Vygotsky, conhecida como psicologia histórico-cultural e as funções psicológicas, assunto abordado por Leontiev. O objetivo do estudo foi demonstrar na relação teórico-prática envolta no processo ensino-aprendizagem, a importância das atividades no desenvolvimento desses indivíduos para um pensar, planejar e agir embasado no que tange os fazeres na Educação Especial. Assim nosso príncipe além de visitar planetas abre uma janela da alma repleta de considerações e até propostas, entre outros apontamentos. Através dos resultados é possível afirmar que não basta apenas que as atividades sejam adaptadas e selecionadas de forma correta, é necessário identificar a ordem de sua aplicação, entre os possíveis momentos, o fazer em unidade ou coletividade, entre potencialidades e o grau de dificuldade para que estas não desmotivem o aluno na construção do conhecimento,

principalmente em se tratando do público-alvo ao qual se destina, pois o acesso ao currículo também lhes é de direito.

Palavras-chave: educação especial, psicologia histórico-cultural, relação teórico-prática.

Apresentação

Neste trabalho, apresentamos uma reflexão do recorte de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no ano de 2015, envolvendo uma escola pública estadual do município de Vitória – ES e as perspectivas diretas dessas relações no AEE realizado em 2018 em outra escola da rede. A produção desta pesquisa foi permeada por inquietações referentes ao processo de ensino-aprendizagem e as práticas inclusivas envolvidas na sala de recurso e nesse atendimento. A inclusão ganha foco e embasamento neste recorte que associa as teorias apresentadas nos trabalhos dos autores russos Vygotsky e Leontiev.

Além dos teóricos, a literatura e o cinema influenciaram de maneira positiva o processo de escrita do trabalho apresentado, despertando a curiosidade e a criatividade na forma de escrever. Dentre os vários títulos apreciados, ganharam destaque a obra de Antoine de Saint-Exupéry, “O Pequeno Príncipe” e o documentário brasileiro “Janela da Alma” (2001).

O primeiro é especial para várias pessoas, sejam elas “crianças pequenas e pessoas grandes” (SAINT-EXUPÉRY, 2015). Trata-se de um livro atemporal, muito presente na cultura atual, sendo discutido e promovido em diversos meios de comunicação e que está sendo utilizado para diferentes adaptações de atividades inovadoras no AEE (20018). O segundo, o documentário, ganhou destaque porque aborda os temas – processo de inclusão e o processo de ensino-aprendizagem de deficientes visuais. Tanto o escrito, quanto o visual, serviram para aguçar nossa imaginação e trazer reflexões.

Metodologicamente estamos falando de aplicações teóricas oriundas de uma dissertação de mestrado no exercício das funções no AEE, o que fortalece a condição da relação teoria-prática aperfeiçoando o trabalho com embasamentos pedagógicos concretos.

O Pequeno Príncipe foi o primeiro a aventurar-se em nossas discussões. É inquieto, busca respostas para seus questionamentos. Ao visitar planetas, ele não encontrava sentido em sua vida, nem no ofício das pessoas por onde passava. Chegava a comentar que “as pessoas grandes são bem esquisitas” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 49).

Se tivesse conhecido o “planeta” de Vygotsky e Leontiev, poderia ainda sim achá-los estranhos, mas talvez, poderia perceber que eles realizaram trabalhos significativos para a Educação, ao promover reflexões e especificidades ao processo de ensinar e aprender, um dos grandes feitos da humanidade. Poderia não fazer sentido para o Pequeno, mas certamente fizeram a diferença para outros tantos com dificuldade.

Os homens do teu planeta, disse o príncipezinho, cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim... e não encontram o que procuram (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 81).

Precisamos pelo menos admirar as rosas do caminho, mas sem perder o foco na nossa busca. Quando falamos em admirar, não é apenas vê-las, mas cheirá-las, senti-las e cativá-las. Precisamos dos sentidos. Mas o mais importante é ensinar a buscá-las. Os autores citados defendem o caráter ativo do aluno na aprendizagem e podemos colocar, incluso no AEE, além de sua importância no desenvolvimento dos indivíduos. Continuemos nossa busca.

Solidão, histórias e anjos

Vivi, portanto, só, sem ter alguém com quem pudesse realmente conversar. (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 11)

De acordo com as contribuições do pesquisador russo Lev Sememnovich Vygotsky (1896-1934), o Pequeno Príncipe teria muita dificuldade em aprender, já que vivia sozinho sem ter ninguém para conversar e trocar experiências, pois, para o autor, toda aprendizagem nasce do meio social, não se trata de uma atividade individual. Estar sozinho é um problema.

Dentre os trabalhos de Vygotsky, a Teoria Histórico-Cultural tem grande destaque, pois apresenta pontos importantes sobre as relações entre aprendizagem e desenvolvimento, seus mecanismos e processos e a interação. Segundo o autor, da interação social três elementos são muito importantes para os sujeitos: o caráter social das atividades, a categoria da atividade e a mediação (Vygotsky, 1997). Paulo César Lopes um professor de literatura dispara:

A realidade real não existe na verdade, sempre é um olhar, sempre um olhar condicionado. Igual o olhar do homem, vê o mundo de um jeito, os animais vêm de outro. A gente tem a ilusão de pensar que o cachorro quando reproduz no filme, como se o cachorro estivesse vendo como a gente, e não é. Cada experiência de olhar é um limite, a gente não conhece as coisas como elas são, só mediadas pela nossa experiência (JANELA DA ALMA, 2001).

A ideia defendida por Vygotsky, como a parte social da atividade, é a interação do sujeito com outros indivíduos (como aluno e professor ou entre os alunos – no âmbito escolar). A aprendizagem é uma atividade conjunta que transforma e é mediada por ferramentas que se interpõem entre o sujeito e o objeto das atividades.

O ser humano atribui sentido e significado às coisas por meio da ação e interação mediadas pela linguagem, um sistema simbólico primordial na relação da criança com o mundo que a cerca. O conhecimento não se baseia apenas em enunciados verbais e hipóteses, sendo necessário associar conhecimento e conteúdo às experiências de vida. O convívio e a socialização são muito importantes para que a criança tenha oportunidade de confrontar suas hipóteses, organizar seu pensamento e tirar conclusões (SÁ; SIMÃO, 2010, p. 32).

Vygotsky confere valor também à mediação no processo que ele chama de internalização de conceitos em sua Teoria Histórico-Cultural. A mediação “é feita através de objetos, sejam eles materiais ou espirituais, instrumentos ou signos, nas relações construídas entre o sujeito e o objeto ou entre sujeitos”. (NÚÑEZ, 2009, p. 26). O professor assume o seu papel de mediador do processo de ensino-aprendizagem, e deve favorecer a postura reflexiva e investigativa.

Vygotsky (1997) também destacou as funções psicológicas em seu trabalho. Segundo ele, a atividade cerebral do sujeito é resultado de relações sociais existentes entre o sujeito e o mundo exterior, mediadas por sistemas simbólicos. O fotógrafo Eugen Bavcar diz:

Atualmente prefiro olhar ao vivo. Isso é importante. Não devemos falar a língua dos outros, nem utilizar o olhar dos outros, porque, nesse caso existimos através do outro. É preciso tentar existir por si mesmo (JANELA DA ALMA, 2001).

É preciso existir e experimentar, pois a cultura do indivíduo influencia sua conduta, modifica as funções psíquicas na realização de uma atividade e cria novos níveis de comportamentos durante seu desenvolvimento. O caráter social e a cultura do indivíduo têm relação direta na aprendizagem do sujeito, tanto na capacidade como nas possibilidades de aprendizagem.

O despertar de embriões

Durante o processo de ensino-aprendizagem destacam-se dois níveis evolutivos na teoria de Vygotsky: o das capacidades reais do sujeito e as possibilidades de aprender com os demais. A diferença entre esses dois níveis está no que Vygotsky chama de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Esse conceito auxilia no sentido de considerar uma boa aprendizagem aquela que precede o desenvolvimento, que ajuda o aluno a expressar aquilo que por si só não pode fazer, desenvolvendo em seu interior aquilo que necessita desenvolver. Por isso os mediadores são tão especiais.

“O QUE É OLHAR? O QUE É CATIVAR?”¹

O que é o olhar? O olhar é uma interpretação, tudo que a gente olha, a gente está mediado pelos nossos conceitos, pelos nossos valores. A gente passa em frente a um muro e de repente em outro dia aquilo se abre de forma diferente, como algo nunca visto antes (JANELA DA ALMA, 2001).

Essa afirmação do professor Paulo Cézar infere que o nosso olhar está mediado pelos conceitos e sua formação ocorre quando palavras ganham significados e ocorre aquilo que chamamos de internalização. Luria (1986, p. 27) afirma que "o elemento fundamental da linguagem é a palavra; a palavra designa as coisas, individualiza suas características; designa ações, relações, reúne objetos em determinados sistemas". Essa formação de conceitos é considerada como fator

¹ SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 68

determinante para desenvolvimento do sujeito segundo Vygotsky, pois é a evolução do pensamento verbal.

Para mim, linguagem e imagem estão ligadas, isto é, o verbo é cego, mas é o verbo que torna visível. Sendo cego, o verbo torna visível, cria imagens, graças ao verbo temos imagens. Atualmente, as imagens se criam por si mesmas, deixaram de ser o resultado do verbo, e isso é muito grave. É preciso que haja um equilíbrio entre verbo e imagem. Por exemplo, Michelangelo não viu Moisés! Ele não foi segui-lo no Monte Sinai. Não viu como o Decálogo foi lançado sobre o bezerro de ouro. Mas leu o texto (JANELA DA ALMA, 2001).

O texto dito pelo fotógrafo Eugen Bavcar traz a cegueira do verbo, que medeia o nascimento da imagem e do conceito. Núñez (2009) considera que essa formação de conceito ocorre em duas situações distintas: no cotidiano do sujeito, desenvolvido pelas interações sociais (conceito espontâneos) e a do contexto escolar (conceitos científicos ou escolares).

A partir de suas pesquisas, Vygotsky (1989) considerou que a formação de conceitos da criança passa por três momentos distintos durante o seu amadurecimento biológico, sendo eles: o pensamento sincrético, pensamento por complexos e pensamento propriamente conceitual. Esses três momentos podem ser observados no diálogo entre o Pequeno Príncipe e a raposa.

- Vem brincar comigo – propôs ele. – Estou triste...
- Eu não posso brincar contigo – disse a raposa. Não me cativaram ainda.
- Que quer dizer “cativar”?
(SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 67-68).

Parte-se do momento em que o Pequeno Príncipe questiona a raposa a respeito de um verbo – cego para ele – o cativar. No primeiro estágio, se produz a internalização de significados de uma determinada palavra, formada por informações vindas de diferentes canais como os sentidos, percepção ou intuição.

- É algo quase sempre esquecido – disse a raposa. – Significa “criar laços”...
- Criar laços?
- Exatamente – disse a raposa – Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tem necessidade de mim. Não passo, a teus olhos, de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Será para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...

(SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 68).

Laço é algo simples de fazer, damos vários laços pela vida, mas algo complexo de se criar com pessoas, exige tempo e dedicação. Não satisfeito com a explicação da raposa, ele volta a questioná-la, afinal é uma raposa mediadora. Um comportamento comum das crianças, os *porquês* das coisas, especialmente quando a imagem ainda não está bem formada, talvez fora de foco. Precisamos de mais para que fique nítida.

- Começo a compreender – disse o Pequeno Príncipe. – Existe uma flor... eu creio que ela me cativou...
- É possível. – disse a raposa. – Vê-se tanta coisa na Terra...
(SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 68).

Ao compreender o conceito do verbo cativar, esclarecido pela raposa mediadora, o Príncipe imediatamente faz a conexão com sua experiência de vida, no caso, sua relação com a rosa, personagem de outras interações. Nesse momento, são formados complexos associativos, coleção, cadeia, complexos difusos e pseudoconceitos, sendo estes últimos formados pela especificidade das abstrações geradas em seu processo de elaboração. E a sábia raposa mediadora já queria que o Pequeno Príncipe colocasse em prática o novo conceito, seu aprendizado, pedindo a ele:

- Por favor... cativa-me! – disse ela (a raposa) (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 68).

Cativar não é fácil, é algo que leva tempo, que exige um processo, uma sequência de atividades. As atividades, nessa etapa de internalização, são formadas no plano lógico-verbal e a palavra recebe um novo significado abstrato estável.

Vygotsky definiu que o conceito se forma não pela interação de associações e sim mediante operações intelectuais em que todas as funções mentais elementares participam em uma combinação específica, cuja operação é dirigida pelo uso das palavras que constituem o meio de centralizar ativamente a atenção, abstrair traços, sintetizá-los e simbolizá-los por meio de um signo (NÚÑEZ, 2009, p. 37-38).

As atividades em grupo, por exemplo, existem no AEE? Já que as mesmas influenciam na formação de conceitos e geram transformações de ordem

quantitativa, aumentando o número de conceitos que o aluno é capaz de construir em sua mente; mas também de ordem qualitativa, no colaborativo/grupo, pois os que já existem ganham novas informações, talvez com sentidos mais significativos.

Vygotsky (1989) reconheceu que os meios pelos quais a operação se realiza é um fator importante no processo de formação de conceitos. Assim, os signos são os portadores das formas sociais do pensamento do homem, com destaque para os verbais, e são unidades de sua consciência. Seria propositivo então que essas atividades ocorressem no AEE também possibilitando “meios sociais” mais afetivos e inclusivos. A ação colaborativa possibilitaria isso?

O caráter social e mediador da teoria de Vygotsky obtiveram destaque quando Leontiev estudou as funções psicológicas dos sujeitos que interagem com o meio social, com atividades em grupo. Assim, Leontiev (2005) destacou que o sujeito utiliza de ferramentas (físicas ou mentais) por meio de estímulo e resposta (como as perguntas que o Pequeno Príncipe faz para a raposa e àqueles que conhece em cada planeta que visita), e tem controle de seu comportamento e também de seus processos mentais.

Planeta da atividade

“Esse aí”, pensou o príncipezinho, ao prosseguir a viagem para mais longe, “esse aí seria desprezado por todos os outros, o rei, o vaidoso, o beberrão, o empresário. No entanto, é o único que não me parece ridículo. Talvez porque é o único que se ocupa de outra coisa que não seja ele próprio” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 52).

Realmente, Alexei Nikolaevitch Leontiev (1903-1979), psicólogo soviético contribuiu com as pesquisas de Vygotsky e é considerado o responsável pela Teoria da Atividade, a qual possibilita uma compreensão mais detalhada dos processos de assimilação de conceitos científicos pelos alunos no contexto escolar. Leontiev (2001) considera a atividade humana como um processo que medeia a relação entre o sujeito e a realidade a ser transformada por ele (objeto da atividade).

As investigações de Leontiev (2001) demonstram que o processo de formação dos conceitos científicos impõe condições importantes, como o tipo de atividade necessária para formação. Isso significa que a organização de tipos de atividade é muito importante para o sujeito, uma vez que não é qualquer atividade que desenvolve o potencial e as funções psicológicas, como o pensamento conceitual e o desenvolvimento da personalidade do aluno.

Talízina (1988), autora que contribuiu para os trabalhos dos pesquisadores russos, defende que as particularidades das ações orientadas aos objetos e aos fenômenos do mundo exterior determinam diretamente o conteúdo e a qualidade do conceito em sua formação. A atividade pode ser considerada resultado de todas as influências sociais e um processo essencial na formação da personalidade, assim as ações inclusivas no AEE seriam mais potencializadas em grupo, pois de outra forma, poderíamos também fomentar exclusões.

Durante a viagem do Pequeno Príncipe, ao se encontrar com os outros personagens em seus planetas, cada um exercia uma atividade, que influenciavam a visão que cada um possuía do mundo. O próprio Pequeno Príncipe se preocupava com sua atividade de cuidar da rosa, dos vulcões e do carneiro.

De Mello Motta (2004) fornece uma definição da atividade quando discute a Teoria da Atividade de Leontiev:

[...] a atividade não é somente a soma dos elementos que a compõem, mas constitui-se um sistema próprio, de atividade coletiva, com instrumentos, regras, papéis e estrutura. São indivíduos ou grupos de indivíduos que interagem, fazendo uso de instrumentos, para a transformação de um objeto, com um motivo compartilhado para alcançar determinado resultado, e são essas interações que poderão ser consideradas como um sistema de atividade. Podem ser então considerados como sistemas de atividade, a escola, a família, um clube, uma instituição, uma sala de aula, uma disciplina, uma companhia (DE MELLO MOTTA, 2004, p. 21).

Na Teoria da Atividade, assim como na Teoria Histórico-Cultural, a consciência tem papel fundamental, não pode ser excluída do contexto. Leontiev (1978) conceitua consciência como a reprodução da imagem ideal da atividade pelo sujeito, orientada a uma finalidade.

O Pequeno Príncipe exercia diversas atividades em seu pequeno planeta, mas tinha uma preocupação especial com os baobás.

De fato, no planeta do Pequeno Príncipe havia, como em todos os outros planetas, ervas boas e más. Consequentemente, sementes boas, de ervas boas; e sementes más, de ervas más. Mas as sementes são invisíveis. Elas dormem nas entranhas da terra até que cisme de despertar (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 22).

Ao saber da existência das sementes de baobás, o Pequeno Príncipe exercia a atividade de arrancá-las, preocupando-se com o fato de crescerem demais e tomarem conta do planeta.

E, se o planeta for pequeno e os baobás, numerosos, o planeta acaba rachando.

- É uma questão de disciplina – disse mais tarde o príncipezinho (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 23 e 24).

Portanto, havia um motivo para a atividade de arrancar os baobás e sua necessidade de ter um carneiro era que ele comesse esses baobás, mas não as rosas que possivelmente poderiam aparecer.

Conheci um planeta habitado por um preguiçoso. Ele havia deixado que ali crescessem três arbustos (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 24).

A atividade com consciência tem o coletivo como mediadora do processo em sua realização, fazendo com o que sujeito passe a considerar a posição do coletivo em relação às suas próprias atividades, a posição dos outros também é relevante. Sendo a atividade humana uma atividade social, fica explicitado aqui a teoria de Vygotsky sobre a importância do social na formação de conceitos.

O sistema de atividades se transforma então, em uma construção coletiva e de múltiplas vozes. Onde os conceitos vygotksyanos como a zona de desenvolvimento proximal, mediação, semiótica, instrumentos, internalização e externalização passam do abstrato para o concreto, podendo ser visualizados na atividade (DE MELLO MOTTA, 2004, p. 21).

Leontiev (1978) também declara que a formação de conceitos é fruto da atividade do sujeito e que no processo de ensino-aprendizagem devem ser organizadas ações que sejam adequadas ao conceito e sua relação com a própria realidade. A aprendizagem é considerada em termos das ações que a

criança realiza com o objeto de estudo, para a transformação em produto, em contexto social.

A criança consegue dominar o conceito porque aprende a agir conceitualmente, ou seja, a prática é conceitual. Não é suficiente saber se aprendeu o conceito, mas se ele é utilizado para resolver diferentes situações práticas ou teóricas que implicam “mobilizar esse conceito” no pensamento para ação e para a personalidade.

Com relação à assimilação de conceitos, o autor completa que “para ter domínio do produto da atividade humana, o sujeito tem que realizar uma atividade adequada à representação do tido produto” (LEONTIEV, 1978, p. 23).

Da análise de ideias de Vygostky e Leontiev em relação ao desenvolvimento psíquico conclui-se que a educação e o ensino do homem seguem o caminho de “apropriação” e “reprodução” por ele mesmo, dentro das capacidades oferecidas histórica e socialmente; a educação e o ensino são formas de desenvolvimento psíquico do homem; a apropriação e o desenvolvimento não podem se comportar como processos independentes, pois estão correlacionados.

Núñez (2009) lembra que a formação de conceitos na perspectiva da Teoria da Atividade permite privilegiar ações intencionais relacionadas com a sua formação e aplicação.

O sujeito não se trata de indivíduo isolado (ou pode acontecer um isolamento), uma vez que a própria pesquisa de Vygotsky lembra a importância das relações sociais como base da apropriação do conhecimento. As atitudes, os valores, a atividade cognitiva devem ser levados em consideração, pois se trata também do objeto da atividade. No AEE isolamos os sujeitos?

Esse ponto da Teoria da Atividade é um ponto polêmico quando aborda a inclusão do sujeito deficiente na sala de aula. A presença dele não garante a aprendizagem. Muitos são privados da convivência social, separados da sala realizando atividades diversas das realizadas pela maioria dos alunos, o que pode ser uma realidade no AEE. No caso do sujeito, é fundamental considerar

as particularidades importantes e o meio em que se encontra inserido, a sala de recurso não pode, nem deve ser o único espaço para o AEE.

Para Núñez (2009), o objeto da atividade define para onde se dirige a ação, e significa matéria prima para o sujeito da atividade obter um produto determinado, podendo ser um objeto específico natural, uma instituição ou o próprio sujeito.

Os motivos para realizar a ação são importantes, pois sem motivos não há ação. A motivação tem sua origem na necessidade e determina a direção do comportamento para os objetivos apropriados visando a sua satisfação.

Toda atividade humana é realizada com base na finalidade para alcançar uma meta. Se estamos falando de AEE entre as finalidades a socialização por meio de momentos inclusivos precisa existir. Como? O objetivo nada mais é do que a representação imaginária dos resultados possíveis de serem alcançados com a realização de uma ação concreta. Segundo Talízina (1988), a ação se converte em atividade quando o objetivo e o motivo coincidem, possibilitando o desenvolvimento de habilidades e capacidades.

Para Leontiev (1978, p. 39), as operações “constituem um produto de aprendizagem como características específicas e uma maneira de regular a atividade do sujeito”. Requerem uma ordem pela lógica da realização da atividade. Não é em qualquer forma como é apresentada que a atividade tem o mesmo resultado. Inicialmente, essa lógica segue um processo que, de acordo com o avanço e assimilação da habilidade em um estágio avançado, o sujeito passa a realizar apenas ações fundamentais.

Observamos até mesmo no diálogo do Pequeno Príncipe com a Raposa sobre cativar, quando ela ensina-o os passos necessários para cativá-la.

- A gente só conhece bem as coisas que cativou, disse a raposa. Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me!
O que é preciso para fazer? Perguntou o príncipezinho.
É preciso ser paciente, respondeu a raposa. Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos.

Mas, cada dia, te sentarás mais perto... (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 69).

Os meios para realizar a ação formam parte importante da pesquisa, já que a relação do sujeito com o mundo é uma relação mediada. Os instrumentos devem ser adequados para que a aprendizagem seja bem apoiada. Leontiev (2001) explica que os meios e os métodos são estruturas que servem como elo do mundo com os processos psíquicos humanos. Os instrumentos utilizados pelos alunos para desenvolver as atividades de aprendizagem são tecnologias necessárias para o sucesso da atividade.

Porém, o produto da atividade pode coincidir com o objetivo da atividade ou não. Pois a atividade é composta por um processo de transformações constantes e o resultado obtido com essas transformações com o objeto por meio de procedimentos é o produto. Segundo Núñez (2009), a atividade humana (material ou mental) está cristalizada no seu produto e o caso ideal ocorre quando o objetivo e o produto coincidem.

Assim, a Teoria da Atividade se apresenta como um recurso metodológico para o planejamento de estratégias de ensino, pois prioriza a análise do conteúdo e da atividade e as relações funcionais estabelecidas por elas, sendo necessário se pensar bem sobre o momento de aplica-las.

E sobre cativar, o Pequeno Príncipe não poderia naquele momento praticar com a raposa.

- Eu até gostaria – disse o príncipezinho – mas não tenho muito tempo. Tenho amigos a descobrir e muitas coisas a conhecer. (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 69).

As contribuições de Leontiev para a educação demonstram que o material e o social de uma atividade constituem uma unidade importante na educação. Para apropriar-se de itens importantes como conceitos, conhecimentos e habilidades, o aluno precisa assimilar ações mentais adequadas e planejadas de forma que facilitem o processo de internalização.

Considerações finais

A conexão da psicologia histórico-cultural e da Teoria da Atividade na educação motivaram variadas investigações em muitas linhas de pesquisa. O AEE e a educação inclusiva são algumas delas, o que permite ampliar a nossa compreensão de relações complexas existentes em nosso cotidiano como o desenvolvimento, cultura e o processo de ensino-aprendizagem. O desenvolvimento e a cultura são responsáveis pela diversidade no contexto escolar. São visões, maneiras, indivíduos, particularidades diversas.

- As pessoas veem estrelas de maneira diferentes. Para aqueles que viajam, as estrelas são guias. Para outros, elas não passam de pequenas luzes. Para os sábios, elas são problemas. Para o empresário, eram ouro. Mas todas essas estrelas se calam. Tu, porém, terás estrelas como ninguém nunca teve... (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 87).

O ensino no AEE pode ser considerado dentro das formas sociais de organização do processo de apropriação pelos alunos, sendo a educação uma consequência da interação sócio-histórico e objetivadas na cultura material e espiritual. Para que ocorra a apropriação é necessário que determinada atividade, com a finalidade da apropriação da cultura, aconteça efetivamente e a articulação com os outros é muito importante.

As teorias propostas por Vygotsky e Leontiev nos fazem refletir sobre o ambiente escolar e também o tipo de atividade proposta aos alunos da Educação Especial no AEE. Somente com eles? No plano material destacamos a interação social do aluno que é um fator importante apontado por Vygotsky em suas pesquisas. Além da teoria, precisamos atentar às atividades que devem promover a troca de experiência e, quando possível, o acesso a outras técnicas de realização, bem como a sua contextualização. A ordem das atividades propostas, a maneira individual ou coletiva e também o grau de dificuldade, fatores que devem ser analisados de forma que não desmotivem o aluno. Atividades que exijam um grau de maturidade que não fora alcançado até o momento podem desmotivá-lo, conforme a Teoria da Atividade de Leontiev.

Nos pontos apresentados neste trabalho procuramos mostrar que a psicologia histórico-cultural e a Teoria da Atividade são teorias com possibilidades de ajudar a compreender melhor o trabalho do docente e também em sua formação profissional, bem como problematizar frente um olhar reflexivo o AEE nas suas condutas para que a ideia permeie frente novas possibilidades coletivas. Quem sabe um dia de atividade em grupo, fazer uma pesquisa para apresentação de trabalho, por exemplo? Uma abordagem colaborativa com o professor regular poderia fomentar tais ideias. É hora de (re)pensar e (re)adaptar prática no AEE? Esperamos que sim e essas ações estão em curso nesse ano (2018).

Referências

DE MELLO MOTTA, L. M. V. **Aprendendo A Ensinar Inglês Para Alunos Cegos E Com Baixa Visão Um Estudo Na Perspectiva Da Teoria da Atividade**. Diss. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

JANELA DA ALMA. [Filme-Vídeo] Direção de João Jardim e Walter Carvalho. Brasil, 2001. (73 min.)

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizontes LDA, 1978.

_____. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VYGOTSKY, L.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.

_____. Os princípios do desenvolvimento mental e o problema do atraso mental. In: **PSICOLOGIA e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento – Luria, Leontiev, Vygotski e outros**. São Paulo: Centauro, p. 59-76, 2005.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.

NÚÑEZ, I. B. **Vygotsky, Leontiev e Galperin: Formação de conceitos e princípios didáticos** / IsauroBeltránNúñez – Brasília: Liber Livros, 2009.

SÁ, E. D.; SIMÃO, V. S. **Parte II - Alunos com cegueira** In: DOMINGUES, C. dos A. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: os alunos com deficiência visual : baixa visão e cegueira / Celma dos Anjos Domingues ... [et.al.]. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial ; [Fortaleza] : Universidade Federal do Ceará, 2010.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe** / Antoine de Saiint-Exupéry: com aquarelas do autor; tradução de Dom Marcos Barbosa – 49 ed. – Rio de Janeiro: Agir, 2015.

TALIZINA, N. F. **Psicologia de laensenanza**. Moscú: Editorial Progreso; 1988.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Tradução Jeferson Luiz Camargo São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A formação social da mente**. Trad. José Cipolla- ed. Martins Fontes. São Paulo, 1994.

_____. **Fundamentos de defectologia**. In: Vygotski, L. Obras escogidas V. Madrid: Visor, 1997.